

# JEFFREY ARCHER

## O SEGREDO MAIS BEM GUARDADO

AS CRÔNICAS DE CLIFTON  
(VOLUME 3)

*Tradução:*  
Milton Chaves de Almeida

1ª edição

**BB**  
**BERTRAND BRASIL**  
Rio de Janeiro | 2017

## Prólogo

O BIG BEN SOOU quatro vezes.

Embora o Lorde Chanceler estivesse exausto e mentalmente esgotado devido ao ocorrido na noite anterior, havia tanta adrenalina correndo por suas veias que ele não conseguia dormir. Havia garantido a seus pares que tomaria uma decisão a respeito do caso da pendência judicial entre Barrington e Clifton, determinando qual dos dois jovens herdaria o antigo título nobiliárquico, as imensas propriedades e os outros bens da família.

Ele analisava os fatos mais uma vez, pois acreditava que os fatos, e somente os fatos, deveriam ditar sua decisão.

Quando, cerca de quarenta anos antes, iniciara o estágio de advogado, seu supervisor o aconselhara a ignorar todo tipo de impressões pessoais, compaixão ou preconceito ao ter de tomar uma decisão, tanto com relação aos clientes quanto com respeito aos casos com os quais estivesse lidando, salientando que a advocacia não era para os medrosos ou para os românticos. Contudo, após ter seguido tal mantra por quatro décadas, o juiz teve que reconhecer que nunca havia lidado com um caso tão difícil de decidir. Desejou muito que F. E. Smith ainda estivesse vivo, de modo que, nesse momento, pudesse ouvir os seus conselhos.

Por um lado... Como ele detestava essa expressão batida. Por um lado, Harry Clifton tinha nascido três semanas antes de seu maior

amigo, Giles Barrington. Por outro, havia também o fato inquestionável de que Giles era filho legítimo de Sir Hugo Barrington e sua esposa, Elizabeth. Isso não fazia dele o filho primogênito de Sir Hugo, porém. E era essa primogenitura justamente o ponto crucial do testamento.

Por um lado, era preciso considerar que Maisie Tancock dera à luz Harry no dia 28, nove meses depois de uma breve e confessa aventura amorosa com Sir Hugo Barrington durante uma excursão da fábrica a Weston-super-Mare. Também por esse lado, Maisie Tancock era casada com Arthur Clifton à época do nascimento de Harry, cuja certidão de nascimento atestava incontestavelmente que Arthur era o pai da criança. Eis, portanto, mais um fato.

Ainda por esse lado... o Lorde Chanceler recordou o que tinha acontecido na câmara depois que os membros da instituição finalmente se separaram para decidir, em votação, quem terá o direito de herdar o título — e *tudo o mais aí incluído*. Ele se lembrou de cada palavra dita pelo líder de bancada ao anunciar o resultado perante a câmara lotada.

“À direita, os favoráveis: duzentos e setenta e três votos. À esquerda, os contrários: duzentos e setenta e três votos.”

Um burburinho de assombro havia varrido como uma onda os assentos vermelhos da casa, e ele soubera de pronto que o empate na votação fazia com que coubesse a si a tarefa nada invejável de decidir quem deveria ter o direito legal de herdar o título familiar dos Barrington, sua companhia de transportes marítimos, seus imóveis, suas terras e seus bens. Se ao menos não fosse o tanto que estava em jogo com aquela decisão que selaria o futuro daqueles dois jovens... Enfim, deveria ele deixar-se influenciar pelo fato de que Giles Barrington desejava herdar o título nobiliárquico e Harry Clifton não? Não, ele não podia deixar isso acontecer. Até porque, conforme advertira Lorde Preston com seu convincente discurso da bancada da oposição, isso criaria um péssimo precedente, mesmo que, na ocasião, fosse conveniente.

Agora, por outro lado, caso ele se decidisse a favor de Harry... Finalmente adormeceu, apenas para ser despertado por uma leve batida na porta às sete horas, inabitualmente tarde para alguém como ele.

Ele resmungou e permaneceu de olhos fechados enquanto contava as badaladas do Big Ben. Viu que lhe restavam apenas três horas para refletir um pouco mais e apresentar o veredicto, mas ainda não havia tomado uma decisão.

Com mais um resmungo, o Lorde Chanceler se sentou na cama, calçou o chinelo e arrastou-se, sonolento, para o banheiro. Mesmo imerso na banheira, continuou a remoer o problema.

Fato. Assim como Sir Hugo, Harry Clifton e Giles Barrington eram daltônicos. Fato. Uma vez, porém, que o daltonismo só pode ser herdado do lado materno, esse aspecto da questão não passa de simples coincidência e, por isso, deve ser desprezado.

Pouco depois, saiu da banheira, secou-se e vestiu um roupão. Em seguida, deixou a suíte e atravessou o corredor acarpetado em direção ao gabinete.

Logo que se sentou, o juiz pegou uma caneta-tinteiro e escreveu os nomes “Barrington” e “Clifton” na primeira linha da página, embaixo dos quais começou a listar os prós e os contras de cada um dos jovens no caso. Quando encheu de anotações três páginas inteiras com letra legível e elegante, o Big Ben tinha soado oito vezes. E ainda não havia decisão formada.

Por fim, largou a caneta e, a contragosto, foi procurar algo para comer.

O Lorde Chanceler se sentou sozinho à mesa, fazendo o desjejum em silêncio. Recusava-se a sequer olhar para os jornais matinais, tão bem-arrumados na outra extremidade da mesa, ou até mesmo ligar o rádio, já que não queria que algum analista mal-informado influenciasse sua decisão. Enquanto os jornais respeitáveis pontificavam sobre qual seria o futuro do princípio de hereditariedade caso ele se decidisse em favor de Harry, os tabloides pareciam apenas interessados em saber se Emma conseguiria casar-se ou não com o homem que amava.

Quando ele voltou ao banheiro para escovar os dentes, a balança da Justiça ainda não havia pendido a favor de nenhum dos lados.

Logo depois que o Big Ben soou nove horas, ele voltou para o gabinete e tornou a examinar suas anotações, na esperança de que um dos pratos da balança finalmente pesasse a favor de umas das

partes, mas nada: continuavam perfeitamente equilibrados. Ele estava examinando suas anotações pela segunda vez quando, de repente, alguém bateu à porta, lembrando-o de que, por mais poderoso que achava que fosse, ainda não era capaz de parar o tempo. Suspirou forte, arrancou três folhas de seu bloco de notas, levantou-se e continuou lendo enquanto saía do gabinete e avançava pelo corredor. Quando entrou no quarto, deparou-se com East, seu camareiro, parado ao pé da cama, aguardando o momento de iniciar o ritual de todas as manhãs.

East começou tirando habilmente o roupão de seda do patrão, antes de ajudá-lo a vestir uma camisa branca, ainda levemente aquecida pelo ferro de passar. Em seguida, veio um colarinho engomado, acompanhado por um lenço de renda finamente trabalhada preso ao pescoço. Ao vestir as calças pretas típicas dos magistrados, ocorreu-lhe ter engordado alguns quilos desde que assumira o cargo. East, então, o ajudou a vestir a longa toga preta e dourada antes de passar a cuidar dos detalhes finais da vestimenta do patrão. A longa peruca foi cuidadosamente ajustada em sua cabeça antes que ele calçasse seu tradicional sapato afivelado. Foi somente quando passou pelo pescoço e os ombros o cordão de ouro da magistratura, ostentado por outros trinta e nove Lordes Chanceleres antes dele, que o aspecto de ator de teatro de pantomima travestido de mulher deu lugar ao vulto inconfundível da maior autoridade judiciária do país. Após uma rápida olhada no espelho, sentiu que estava pronto para entrar em cena e desempenhar o papel que lhe cabia no drama em andamento. Pena que ele ainda não sabia qual seria a sua fala.

A pontualidade da entrada e saída do Lorde Chanceler da Torre Norte do Palácio de Westminster teria impressionado um subtenente de regimento. Às 9h47, o juiz ouviu alguém bater à porta e, logo em seguida, materializou-se na sala a figura de seu secretário, David Bartholomew.

— Bom dia, milorde! — disse o secretário, hesitante.

— Bom dia, sr. Bartholomew.

— Sinto muito informar que Lorde Harvey faleceu ontem à noite numa ambulância a caminho do hospital.

Ambos sabiam que não fora bem isso o ocorrido. Lorde Harvey — o avô de Giles e Emma Barrington — desmaiara bem no meio da sessão da câmara, pouco antes que soasse a campainha informando que as partes deveriam encaminhar-se para votação. Ambos, porém, acatavam a antiga convenção: se um membro da Câmara dos Comuns ou da Câmara dos Lordes morresse durante uma das sessões, devia-se formar um inquérito para apurar as circunstâncias da morte. Para evitar o trabalho desnecessário e desagradável, portanto, “morreu a caminho do hospital” era a expressão aceita e consagrada para lidar com eventualidades como essa. O costume remontava aos distantes tempos de Oliver Cromwell, quando membros tinham permissão de portar espadas nas sessões da câmara, e perfídias assassinas eram uma clara possibilidade de *causa mortis* sempre que um deles morria.

O Lorde Chanceler se viu entristecido pela morte de Lorde Harvey, colega por quem nutria afeição e admiração. Ele só queria que seu secretário não o tivesse lembrado de um dos fatos que ele havia anotado, em letras legíveis e elegantes, abaixo do nome de Giles Barrington: que Lorde Harvey ficara impossibilitado de participar da votação ao desfalecer no meio da sessão e que, houvesse ele participado, teria dado o voto em favor da concessão do direito de herança a seu neto Giles. Isso teria solucionado o problema de uma vez por todas e, à noite, ele poderia ter dormido uma boa noite de sono. Agora, esperavam que ele decidisse a questão de uma vez e *por todos*.

Abaixo do nome de Harry Clifton, ele havia assinalado outro fato. Quando, seis meses antes, o recurso original chegara à apreciação dos Lordes da Lei, eles realizaram uma votação que resultara em quatro votos a favor e três votos contrários à concessão do direito a Clifton de herdar o título e, conforme estipulado no testamento, *e tudo o mais aí incluído*.

Após uma segunda batida na porta, apareceu no recinto o seu caudatário, trajando outra vestimenta ao estilo das usadas pelas personagens das operetas cômicas de Gilbert e Sullivan para indicar que a tradicional cerimônia estava prestes a começar.

— Bom dia, milorde!

— Bom dia, sr. Duncan.

Assim que o caudatário levantou pela bainha a longa toga negra do Lorde Chanceler, David Bartholomew se adiantou e abriu rapidamente a ampla porta de duas folhas do salão, de forma que seu chefe pudesse iniciar a caminhada de sete minutos até a Câmara dos Lordes.

Membros da instituição, mensageiros e altos funcionários da câmara, movimentando-se pelas dependências da instituição no rotineiro cumprimento de suas atribuições, desviaram depressa ao ver o Lorde Chanceler se aproximando, de forma que nada impedisse seu avanço em direção à câmara. Quando passava, eles se curvavam para reverenciá-lo — não exatamente a ele, na verdade, mas ao soberano que representava. O juiz prosseguia em sua travessia do longo corredor de tapete vermelho, no mesmo ritmo em que fizera todos os dias, nos últimos seis anos, de forma que entrasse na câmara na primeira badalada com que o Big Ben anunciasse as dez da manhã.

Em dias normais, e esse não era um dia normal, toda vez que entrava na câmara, o magistrado era saudado por alguns membros, que faziam isso levantando-se educadamente de seus assentos vermelhos, curvando-se reverentes ante o vulto imponente do Lorde Chanceler e continuando em pé enquanto o bispo oficiante realizava as preces matutinas, após as quais se iniciavam os trabalhos do dia.

Mas, nesse dia, isso não aconteceu, pois, muito antes de o supremo juiz ter chegado à câmara, pôde ouvir o murmurinho de vozes em expectativa. Até mesmo o Lorde Chanceler se surpreendeu com a cena ao entrar no salão da câmara. As bancadas estavam tão cheias que alguns membros estavam acomodados nos degraus que davam acesso ao trono, enquanto outros se mantinham de pé no plenário, já que não havia mais assentos vagos. Pelo que se lembrava, a única outra ocasião em que a câmara ficara tão cheia foi quando Sua Majestade proferira o Discurso do Rei, com a qual informara a ambas as câmaras a respeito da legislação que seu governo propunha instituir durante a próxima sessão do Parlamento.

À entrada do Lorde Chanceler na câmara, seus pares interromperam as conversas imediatamente, levantaram-se todos ao mesmo

tempo e curvaram-se, reverentes, conforme ele se punha à frente da Woolsack, sua cátedra estofada na Câmara dos Lordes.

A suprema autoridade judiciária do reino observou lentamente o recinto, deparando-se com mais de mil olhares de impaciência. Seu olhar finalmente pousou nas figuras de três jovens sentados na extremidade oposta da câmara, na Galeria dos Ilustres Desconhecidos, parte do salão situada logo acima dele, reservada ao público. Giles Barrington, sua irmã Emma e Harry Clifton trajavam luto de um negro fechado, em respeito ao amado avô e, no caso de Harry, a um mentor querido e grande amigo. Condoía-se muito o juiz da situação dos três, ciente de que a decisão que estava prestes a tomar mudaria para sempre a vida deles. Rezou para que fosse a melhor solução.

Assim que o Reverendíssimo Peter Watts, bispo de Bristol, abriu o livro de orações — “muito oportuno”, pensou o Lorde Chanceler —, os outros lordes abaixaram as cabeças e só voltaram a levantá-las quando ele proferiu as palavras: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”

Todos na assembleia voltaram a sentar-se, permanecendo em pé apenas o Lorde Chanceler. Depois de acomodados em seus respectivos lugares, assim permaneceram, aguardando o veredicto.

— Milordes — disse ele, abrindo o pronunciamento —, não posso fingir que foi fácil chegar à decisão que Vossas Excelências me incumbiram de tomar. Confesso que, ao contrário, foi uma das mais difíceis decisões que tive de tomar em minha longa carreira jurídica. Por outro lado, precisamos lembrar que foi Thomas More quem advertiu que, quando passamos a envergar estas togas, devemos estar dispostos a tomar decisões que raramente agradarão a todos. Aliás, milordes, em três ocasiões num passado não muito distante, o Lorde Chanceler, após proferir sua decisão, foi decapitado no mesmo dia, horas depois.

A explosão de risadas que se deflagrou na assembleia minorou um pouco o clima de tensão, mas apenas por um momento.

— Todavia, cumpre-me ainda observar que — acrescentou ele depois que as risadas cessaram —, em última instância, somente ao Todo-Poderoso deverei prestar conta de meus atos. Com isso em

mente, Excelências, no caso da pendência entre o senhor Barrington e o senhor Clifton, no que tange à qual dos dois cabe tornar-se, de fato e de direito, o legítimo herdeiro de Sir Hugo Barrington e herdar o título familiar, suas terras e tudo o mais aí incluído...

Depois de olhar mais uma vez para a galeria, o magistrado viu-se tomado de certa hesitação. Com o olhar fixo nos três inocentes jovens sentados na tribuna que não paravam de fitá-lo, rezou para que tivesse a sabedoria do rei Salomão antes de acrescentar:

— Depois de ter analisado bem todos os fatos, eu me decido em favor de... Giles Barrington.

O veredicto provocou intenso burburinho na assembleia, fazendo que os jornalistas deixassem às pressas a tribuna da imprensa para informar a seus ansiosos editores que, com a decisão do Lorde Chanceler, o princípio de hereditariedade permanecia intacto e que Harry Clifton poderia pedir que Emma Barrington se tornasse sua legítima esposa, enquanto o público nas galerias dos visitantes mantinha-se debruçado sobre os parapeitos para observar a reação dos pares da câmara à decisão. Mas isso não era uma partida de futebol, e ele não era um simples árbitro esportivo. Tampouco haveria a necessidade de soprar um apito, pois todos os membros da câmara acatariam a decisão do Lorde Chanceler sem discórdia ou discussão. Enquanto esperava extinguir-se o burburinho, olhou mais uma vez para os três jovens na galeria afetados por sua decisão de forma a ver sua reação. Harry, Emma e Giles continuavam a fitá-lo sem o menor indício de emoção, como se ainda não se houvessem dado conta de todo o peso e significado da decisão.

Após meses de incerteza, Giles experimentou um alívio instantâneo, ainda que a morte de seu adorado avô sufocasse qualquer sensação de vitória. Harry, por sua vez, só conseguia pensar em uma única coisa enquanto continuava a segurar firme a mão de Emma. Agora, podia casar-se com a mulher que amava.

Já Emma parecia à deriva num mar de dúvidas. Afinal de contas, com essa decisão, o Lorde Chanceler havia criado uma série de novos problemas para os três, os quais os jovens teriam que enfrentar sem que pudessem apelar para seus préstimos de magistrado.

Àquela altura, o Lorde Chanceler tinha aberto sua pasta com borlas de ouro e examinava as ordens do dia. Um debate sobre a proposta de criação do Serviço Nacional de Saúde era o segundo item da pauta do dia. Notou também que vários de seus pares haviam deixado a câmara, já que a situação voltara ao normal.

O Lorde Chanceler jamais revelaria, nem mesmo ao mais íntimo de seus confidentes, que havia mudado de ideia no último instante.

HARRY CLIFTON  
E  
EMMA BARRINGTON

1945-1951

# 1

— *Portanto, se alguém tiver algo contra esse matrimônio, fale agora ou cale-se para sempre.*

Harry Clifton jamais se esqueceria da primeira vez em que ouvira estas palavras, tampouco do fato de que, pouco tempo depois, toda a sua vida se transformaria num verdadeiro inferno. Tudo devido ao fato de o Velho Jack, homem que, assim como George Washington, era incapaz de mentir, ter revelado, numa reunião feita às pressas na sacristia, que era possível que Emma Barrington, a mulher que Harry idolatrava e estava prestes a desposar, poderia ser na verdade sua meia-irmã.

O mundo viera abaixo quando a mãe de Harry confessou que uma vez, e apenas uma vez, tivera uma aventura amorosa com o pai de Emma, Hugo Barrington. Portanto, havia a possibilidade de que ele e Emma fossem realmente filhos do mesmo pai.

Na época da fugaz aventura amorosa com Hugo Barrington, a mãe de Harry iniciava um romance com Arthur Clifton, um estivador que trabalhava no estaleiro de Barrington. Apesar do fato de que Maisie se casara com Arthur pouco depois, o padre recusou-se a prosseguir com a cerimônia de casamento de Harry e Emma, pelo menos enquanto houvesse a possibilidade de que isso pudesse infringir os antigos preceitos da igreja relacionados à consanguinidade.

Momentos depois, Hugo, o pai de Emma, fugira pelos fundos da igreja, como um covarde fugindo sorrateiramente do campo de batalha. Quanto a Emma e sua mãe, acabaram transferidas para a Escócia, ao passo que Harry, com a alma desolada, continuara na faculdade em Oxford, sem saber o que faria após o triste episódio. Mas Adolf Hitler tomara a decisão por ele.

Harry tinha abandonado a faculdade alguns dias depois, trocando a beca acadêmica pelo uniforme de um marinheiro raso. Contudo, menos de quinze dias depois de começar a servir em alto-mar, um torpedo alemão destruiu o seu navio, levando o nome de Harry Clifton a aparecer numa lista de pessoas desaparecidas em águas oceânicas.

— *Aceitas esta mulher como tua legítima esposa e juras manter-te fiel a ela até que a morte vos separe?*

— *Aceito.*

Somente quando cessaram as hostilidades e Harry voltara dos campos de batalha coberto de glória e cicatrizes, ele descobriu que Emma dera à luz Sebastian Arthur Clifton. Mas foi só depois de recuperar-se plenamente dos ferimentos que descobriu que Hugo Barrington havia sido morto na mais terrível das circunstâncias, legando à família Barrington mais um problema, algo tão desolador para Harry quanto o fato de não poder casar-se com a mulher que amava.

Harry nunca considerara importante o fato de ser algumas semanas mais velho do que Giles Barrington, o irmão de Emma e seu melhor amigo, pelo menos até quando soube que poderia ser o primeiro na linha de sucessão ao título nobiliárquico da família, bem como herdeiro de suas imensas propriedades, seus inúmeros bens e, nos termos do testamento, *tudo o mais aí incluído*. Não obstante, tratou logo de deixar claro que não tinha nenhum interesse na herança de Hugo Barrington e se mostrou incondicionalmente disposto a abrir mão, em favor de Giles, de todo direito de primogenitura que porventura considerassem seu. O Rei de Armas da Ordem da Jarreteira parecia disposto a pôr em prática a aventada solução e tudo poderia ter transcorrido sem problemas não tivesse Lorde Preston, um parlamentar de segundo escalão do Partido Trabalhista na Câmara Alta, que assumiu a defesa da suposta reivindicação de Harry ao título sem ao menos consultá-lo.

— É uma questão de princípio — explicara Lorde Preston a todo jornalista que o questionara sobre tal atitude.

— *Aceitas este homem como teu legítimo esposo para conviver contigo de acordo com a vontade de Deus ao abrigo do santo matrimônio?*

— *Aceito.*

Harry e Giles haviam mantido íntegros seus laços de amigos inseparáveis durante todo o episódio, ainda que, oficialmente, os tivessem levado a confrontar-se no mais alto tribunal da nação, bem como nas primeiras páginas dos veículos da imprensa nacional.

Ambos teriam ficado exultantes com a decisão do Lorde Chanceler caso Lorde Harvey, o avô de Emma e Giles, houvesse estado presente em seu assento na primeira bancada para conhecer o veredicto, mas ele se foi sem antes ter podido tomar conhecimento da vitória. A nação permanecia dividida com o desfecho do caso, enquanto as duas famílias foram deixadas à própria sorte em sua tentativa de retomar a vida normal.

A outra consequência da decisão do Lorde Chanceler, conforme a imprensa tratou logo de divulgar entre seus leitores ávidos de sensacionalismo, foi que o mais alto tribunal do país estabelecera que Harry e Emma não pertenciam à mesma linhagem e que, portanto, Harry tinha todo o direito de pedir que ela se tornasse sua legítima esposa.

— *Com este anel, uno-me a ti em matrimônio; com este corpo, venero-te; e, com todos os meus bens terrenos, enriqueço-te a alma.*

Harry e Emma sabiam, porém, que uma decisão tomada pelo homem não provava, de forma inquestionável, que Hugo Barrington não era pai de Harry, e, como cristãos praticantes, preocupava-lhes a possibilidade de que estivessem infringindo a Lei de Deus.

Apesar de toda a amargura pela qual passaram, porém, a intensidade do amor que sentiam um pelo outro não havia minguado. O amor, na verdade, tinha aumentado ainda mais e, com o incentivo de sua mãe, Elizabeth, e a bênção de Maisie, a mãe de Harry, Emma aceitou a proposta de casamento de seu amado. A única coisa que a deixava triste era o fato de que, falecidas, nenhuma de suas avós poderia estar presente em seu casamento.

Os noivos não se casaram em Oxford, conforme originalmente planejado, com toda a pompa e circunstância de um casamento numa universidade, acompanhado de toda a esplendorosa notoriedade que

viria com a realização do evento, mas numa simples cerimônia matrimonial nas dependências de um cartório em Bristol, apenas com a presença dos familiares e de uns poucos amigos.

Com relação ao futuro da recém-formada família em si, talvez a mais triste decisão tomada por Harry e Emma — embora com certa relutância —, tivesse sido a de que Sebastian Arthur Clifton seria a única flor no jardim do novo lar.